

Comunicação Oral

**INFORMAÇÃO E REDES SOCIAIS NA SAÚDE: UMA ANÁLISE DO CAMPO DA
EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE COM FOCO NOS ATORES ACADÊMICOS¹**

Marcus Vinícius Pereira da Silva – FIOCRUZ
Regina Maria Marteleto – IBICT/UFRJ

Resumo

Este artigo busca analisar os fluxos informacionais no campo da Educação Popular e Saúde (EPS), com foco nos papéis e posições dos atores acadêmicos. Adota-se o conceito de informação relacionado ao seu aspecto sociocultural, no qual a informação está associada ao processo de transformação do conhecimento. Recorre-se ao conceito de rede social associada à ação coletiva, à noção de intelectual específico desenvolvida por Foucault e ao conceito e metodologia de construção compartilhada do conhecimento para apoiar a análise de redes sociais (ARS). Os membros do Grupo de Trabalho de EPS da Associação Brasileira da Saúde Coletiva (Abrasco) foram selecionados como campo empírico. Os resultados apontam que os atores acadêmicos possuem um papel de destaque no plano epistemológico e político, além de terem o papel de intermediar as informações que circulam na rede.

Palavras-chave: Educação Popular e Saúde. Informação e Comunicação em Saúde. Análise de Redes Sociais. Atores Acadêmicos.

**INFORMATION AND SOCIAL NETWORK IN HEALTH: AN ANALYSIS OF
POPULAR EDUCATION AND HEALTH'S FIELD WITH A FOCUS ON THE
ACADEMIC ACTORS**

Abstract

This paper analyzes the information flows in Popular Education and Health's field, focusing on the roles and positions of the academic actors. Adopts the concept of information related to the sociocultural aspect, in which the information is associated with the transformation of knowledge. Uses the concept of social network associated with collective action, the notion of 'specific' intellectual developed by Foucault and the concept and methodology of 'construction of shared knowledge' to support the social network analysis. Selects as empirical field, members of the Working Group of Popular Education and Health of Associação Brasileira da Saúde Coletiva (Abrasco). The results show that academic actors have an important role in the epistemological and political plan and they also have the role of intermediate the information in the network.

Keywords: Popular Education and Health. Information and Communication In Health. Social Network Analysis. Academic Actors.

¹ Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado intitulada "Construção e divulgação do conhecimento no campo da Educação Popular e Saúde" apresentada no Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Icict/Fiocruz).

1 INTRODUÇÃO

A EPS surge na década de 1970 como contraponto ao modelo predominante de atenção hospitalar privada, fundamentado em médicos especialistas, centrado no tratamento de sintomas e na multiplicação de ações de saúde pública padronizadas, rotinizadas e burocratizadas. No entendimento da EPS, o diálogo entre profissionais de saúde, pacientes e a comunidade possibilita reorganizar as práticas de assistência e de promoção da saúde. Sendo assim, a EPS é vista como um instrumento de formação profissional e de gestão participativa nas políticas de saúde. Hoje, além de estar presente nas comunidades, também possui representações nas universidades, secretarias de saúde e nos centros de formação profissional e possui diversos grupos ou coletivos, tais como: a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps); a Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop); a Rede de Educação Popular e Saúde (Redepop) e o GT de Educação Popular e Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco).

Visto que o campo da EPS é constituído por diferentes atores e tem como pressuposto a construção compartilhada do conhecimento, este artigo tem como objetivo apresentar um estudo sobre os fluxos de informações no campo da Educação Popular e Saúde (EPS), com foco nos papéis e posições dos atores acadêmicos.

A escolha pelos atores acadêmicos como objeto de análise teve como pressuposto que esse domínio de conhecimento encontra-se em fase de institucionalização nos planos epistemológico, social e político, obtendo, nos últimos anos, maior reconhecimento e visibilidade nas esferas acadêmicas, do Estado e da sociedade. Fundamentado nesse pressuposto, foi considerado como atores acadêmicos, os pesquisadores que integram o GT de EPS da Abrasco, por supor que estes pesquisadores possam ser reconhecidos como expoentes nos processos de construção do conhecimento no campo da EPS.

Neste trabalho, a informação é entendida como um elemento inserido em dimensões socioculturais e busca uma combinação entre as formas culturais, teóricas e práticas de conhecer.

O campo da EPS é compreendido, neste trabalho, como uma rede de movimento social movida por ação coletiva. Emprega-se para estudar o fluxo informacional da rede, a metodologia de análise de redes sociais (ARS), na qual apresenta um diferencial em relação às outras metodologias: o foco nas relações entre os atores, ou seja, a análise é formada pelo conjunto de atores e suas relações.

Na primeira parte deste trabalho é contextualizado o campo da saúde coletiva, pois acredita-se que a EPS possui estreita relação com esse. Em seguida é apresentado o campo da EPS. Na terceira parte, a noção de redes sociais é associada à de ação coletiva e apresenta-se o conceito de intelectual universal trabalhado por Michel Foucault. Na quarta parte é apresentado o conceito e a metodologia de construção compartilhada do conhecimento desenvolvida no âmbito da EPS. Essas noções e conceitos servem para embasar a ARS, descrita na quinta parte deste trabalho e apresentada como resultados em seguida.

2 O CAMPO DA SAÚDE COLETIVA

A Saúde Coletiva nasce da crítica ao positivismo e à saúde pública tradicional, constituída à imagem e semelhança da tecnociência e do modelo biomédico (CARVALHO, 1996). Escorel (1988) identifica a Saúde Coletiva como uma área do conhecimento delimitada pela especificidade do seu objeto, o coletivo, e pela metodologia adotada na produção do conhecimento, o método histórico estrutural. Essa área teve a finalidade de constituir um paradigma que permitisse uma nova articulação entre as diferentes instituições no campo da saúde (L'ABBATE, 2003).

Segundo Canesqui (2010), a saúde coletiva agrupou diferentes correntes de pensamentos, concepções e campos de conhecimentos, com o objetivo de promover a produção de conhecimento, a formação de profissionais da saúde, produzir novos modelos e políticas comprometidas com as condições de vida da população, com direito à saúde, com a extensão e o aperfeiçoamento do Sistema Único de Saúde (SUS). A autora destaca quatro eixos de discussão nos diferentes enunciados da saúde coletiva: 1º) a saúde coletiva entendida como um campo composto por diferentes disciplinas, agentes, instituições acadêmicas de ensino e pesquisa entrelaçados aos movimentos reformadores e partidos políticos na sua formação; 2º) a ideia de coletivo, onde o campo da saúde coletiva é maleável às transformações da sociedade; 3º) o social apoiado pela corrente latino-americana de medicina social e epidemiologia crítica ou social e pela sociologia da saúde; 4º) a concepção ampliada de saúde da 8ª Conferência Nacional de Saúde.

Hoje podemos dizer que a Saúde Coletiva é uma expressão que designa um campo de saberes e práticas referidas à saúde como fenômeno social, que, como tal, aglutina investigações históricas, sociológicas, antropológicas e epistemológicas (CAMPOS, 2000).

Marteletto (2010) destaca que o campo da Saúde Coletiva é marcado por “formas de hibridações” históricas, políticas e epistemológicas que configuram o campo interdisciplinar da Saúde Coletiva. Interdisciplinar no sentido horizontal, por reunir as ciências da vida e as ciências sociais e humanas; e no sentido vertical, pois busca dialogar diferentes formas de conhecimentos, entre o senso comum e o conhecimento científico, assim como as diversas mídias e dispositivos de informação e comunicação. Para a autora, um dos maiores desafios do campo da Saúde Coletiva é fazer circular as informações entre as diversas esferas, entre elas: as científicas, as profissionais, as mídias e a população.

Neste estudo, entende-se que a EPS está inserida nos princípios epistemológicos, sociais e históricos da Saúde Coletiva, ao considerar tanto a dimensão biológica das questões de adoecimento e saúde, quanto a sua dimensão política. Ao mesmo tempo, a sua distinção consiste na valorização das práticas de construção compartilhada de conhecimentos em saúde, valorizando tanto o conhecimento especializado quanto outras formas populares e históricas dos saberes.

3 EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE

Além da EPS ter estreita relação com o campo da Saúde Coletiva, ela também está inserida no contexto da Educação em Saúde. Para Vasconcelos (2007), a Educação em Saúde é um campo de práticas e de conhecimentos do setor da saúde que tem se ocupado mais diretamente com a criação de vínculos entre a ação assistencial e o pensar e fazer cotidiano da população.

Até meados da década de 1970 a educação em saúde foi uma iniciativa das elites econômicas e políticas. As práticas preventivas e educativas em saúde se davam de forma isolada. Para contornar esses problemas começa a ser implementada uma proposta de medicina comunitária no Brasil, na qual são empregadas técnicas simplificadas, de baixo custo, e valorizados os aspectos preventivos da saúde (VASCONCELOS, 2010).

Neste contexto, muitos profissionais da área da saúde, insatisfeitos com as práticas mercantilizadas e rotinizadas dos serviços de saúde, incorporam os preceitos da Educação Popular (EP). A EP tem origem nos movimentos populares das décadas de 1950 e 1960 e tem como principais referências as propostas teóricas e metodológicas desenvolvidas por Paulo Freire, pelo Movimento Popular de Cultura, pelos Centros Populares de Cultura da União Brasileira de Estudantes (Une) e pelo Movimento de Educação de Base (MARTELETO;

VALLA, 2003). Para Vascelos (2007) as práticas em EP possibilitaram que muitos intelectuais tivessem acesso e começassem a conhecer as dinâmicas de lutas e resistências.

No âmbito da EP, o conhecimento é entendido como produto e condição de trabalho e de cidadania. Marteleto (2009) salienta que a atitude de conhecer e o seu resultado, o conhecimento, são atividades não neutras do ponto de vista da proposta social que os grupos almejam construir. A autora observa ainda, que o conhecimento não é sinônimo de ciência, e, sim, fruto de diversos modos de produção de saberes, posto isto “o conhecimento científico é uma dentre outras formas de saber” (MARTELETO, 2009, p. 57).

Na área da saúde, as primeiras vivências de EP surgem na década de 1970. Nessa época começam a surgir experiências de serviços comunitários de saúde desvinculados do Estado “em que profissionais de saúde aprendiam a se relacionar com os grupos populares, começando a esboçar tentativas de organização de ações de saúde integradas à dinâmica social local” (VASCONCELOS, 2004, p. 69). Muitas das experiências de saúde comunitária desenvolvidas na década de 1970 se expandiram, se fortaleceram e foram referências centrais para pensar no novo modelo de assistência à saúde que começava a ser construído: o SUS.

Em 1991, vários profissionais de saúde, da academia, militantes de movimentos e organizações não governamentais que trabalhavam com os preceitos da Educação Popular na área da Saúde se organizaram na Articulação Nacional de Educação Popular e Saúde, durante o I Encontro Nacional de Educação Popular em Saúde, na cidade de São Paulo. No ano de 1998, essa Articulação passou a se chamar Rede de Educação Popular e Saúde (Redepop) (STOTZ; DAVID; WONG UN, 2005).

Hoje, o modelo da EPS não é o mesmo da década de 1970. A EPS está também nas universidades, nas secretarias de saúde e nos centros de formação social. Existe um intenso trabalho de pesquisa e no processo de conhecimentos há preocupação com o diálogo entre os pesquisadores e os outros atores, tendo em vista que o conhecimento científico não é único e não deve ser passado de modo unidirecional. (VASCONCELOS, 2010).

Pedrosa (2008) aponta que a EPS pode ser considerada como um campo no qual vem se constituindo outra forma de construção do conhecimento e sistematização de experiências, que apontam para novos desenhos em relação às práticas de saúde, que vão desde o âmbito do cuidado até as práticas gerenciais e de gestão.

Segundo Vasconcelos (2001) os elementos fundamentais do campo da EPS são: a historicidade da relação com os oprimidos, sua configuração e pluralidade político-ideológica,

a unicidade na intencionalidade de construção de um projeto político de transformação social e a multiplicidade de seus atores como docentes, militantes de movimentos populares, usuários, profissionais e gestores.

Além da Redepop, o campo da EPS possui outros coletivos ou grupos, entre eles a Articulação Nacional de Extensão Popular (Anepop), a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps) e o Grupo de Trabalho de Educação Popular e Saúde (GT de EPS) da Abrasco. A EPS também está presente na estrutura do Ministério da Saúde do Brasil, representado pela Coordenação Geral de Apoio à Educação Popular e Mobilização Social, da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (SGEP). Essa última apresentou ao Conselho Nacional de Saúde (CNS) a Política Nacional de Educação Popular em Saúde, aprovada durante a 235ª reunião ordinária, realizada em 12 de julho de 2012.

Segundo Ribeiro (2008) o campo da EPS é um terreno muito fértil para o trabalho com redes sociais. Para a autora a noção de rede social pode contribuir para alargar as ações de EPS, elucidando caminhos de intervenção que possibilitem uma maior visibilidade prática e teórica das redes sociais nessas ações, contribuindo para dinamizar os serviços de atenção básica.

4 INFORMAÇÃO, REDES SOCIAIS E O INTELLECTUAL

Adota-se neste trabalho o conceito de informação relacionado ao seu aspecto sociocultural, no qual a informação é referenciada “ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico” (CAPURRO; HJØRLAND, 2007, p. 150). A informação, portanto, não é entendida como uma ‘coisa’ que precisa ser fisicamente sistematizada, e sim como uma matéria-prima que carrega o conhecimento e possibilita uma mudança no receptor (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004; 2008).

O conceito de redes sociais é usado para situar o local institucional e social dos atores acadêmicos. Ele serve como base teórica e instrumento metodológico para analisar o fluxo informacional, as interações, os papéis e as posições dos atores acadêmicos no campo da EPS.

Para Marteleto (2001), nas redes sociais há a valorização dos elos informais e das relações, em oposição às estruturas hierárquicas. Nos estudos das redes, o indivíduo é visto como portador de recursos e capacidades propositivas, por meio das quais organiza suas ações nos próprios espaços políticos, em função de socializações e mobilizações do seu meio.

Apesar de nascer de uma esfera informal de relações informais, os efeitos das redes podem ser percebidos fora do seu espaço, seja nas interações como o Estado, com a sociedade ou com outras instituições.

Neste estudo a noção de ação coletiva é associada ao conceito de redes sociais, a fim de explorar o caráter de mobilização e luta social dos atores. Scheren-Warren (2006) ressalta que a noção de ação coletiva tem sido usada na academia como conceito empírico para se referir a toda e qualquer forma de ação reivindicativa ou de protesto realizado através de grupos sociais.

Entende-se, neste trabalho, a EPS como uma rede de movimentos sociais movida por ação coletiva. Segundo Scheren-Warren (2005), trata-se de redes complexas que unem pessoas e organizações sem uma fronteira bem definida na luta de causas comuns. Ela pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum, os quais definem os atores ou situações sistêmicas antagônicas que devem ser combatidas e transformadas (SCHEREN-WARREN, 2006). Nesses movimentos, a própria identidade vai se formando de maneira dialógica a partir das discussões e das identificações sociais, éticas, culturais e políticas comuns a seus membros. Podem ser formadas por coletivos em rede, que podem ser um nó dessa rede maior. Para a autora, os coletivos em rede são conexões entre organizações empiricamente localizáveis e têm como foco buscar apoios solidários, ou mesmo estabelecer estratégias de ação conjunta.

Marteleto (2012) entende as redes sociais de ações coletivas no campo da saúde como uma vasta e indefinida teia formada pelos elos e entre os atores situados em diferentes posições no espaço social, de acordo com sua inserção de classe e de pertencimento a determinados campos. Essa diversidade de lugares que os atores estão situados tem como contraponto o compartilhamento de objetivos e interesses comuns de melhorias da saúde da população. Os estudos de redes sociais devem considerar que existem atores que exercem a função de personagens-chave que possibilitam a mobilização da rede e a comunicação entre os subgrupos e com outras redes.

Nesta pesquisa, os atores acadêmicos são considerados intelectuais por compreender que ao atuarem em redes sociais das ações coletivas assumem características críticas e desafiadoras diante dos critérios positivistas e elitistas do conhecimento e as formas como ele é produzido, difundido e reproduzido pelas instituições. “É através das próprias relações nas redes que os atores exercitam e buscam sintonizar os diferentes discursos, o que não se realiza

sem dificuldades ou conflitos de ambas as partes: os agentes externos e internos” (MARTELETO, 2012, p. 234).

Para Foucault (1979), durante muito tempo, o intelectual dito ‘de esquerda’ tomou a palavra e era reconhecido o seu direito de fala enquanto dono da verdade e da justiça. “As pessoas o ouviam, ou ele pretendia se fazer ouvir como representante do universal. Ser intelectual era um pouco ser a consciência de todos” (FOUCAULT, 1979, p. 8). A esse intelectual, Foucault chama de universal.

Hoje, não se pede mais que os intelectuais desempenhem esse papel. Estabeleceu-se um novo modo de ligação entre a teoria e a prática, no qual os intelectuais não trabalham mais no universal, no exemplar, no justo e verdadeiro para todos, mas, sim, em setores determinados, em locais precisos que os situam. Com isso, as lutas ganham uma consciência muito mais concreta e imediata e se aproximam da sociedade em geral por duas razões: “porque se tratava de lutas reais, materiais e cotidianas, e porque encontravam com frequência, mas em outra forma, o mesmo adversário” (FOUCAULT, 1979, p. 9). Esse tipo de intelectual Foucault chama de intelectual específico.

Para Foucault (1979), o papel do intelectual específico deve ser tornar cada vez mais importante, ao passo que ele é obrigado a assumir responsabilidades políticas, querendo ou não. Foucault ainda destaca que não se pode desqualificar o intelectual específico por causa da sua relação com o saber local, sob o pretexto de ser problema de especialistas e que a sociedade, de modo em geral, não tem interesse. Esses intelectuais descobriram que a sociedade não precisa deles para saber, elas sabem mais do que eles e o dizem muito bem. Porém, há um sistema de poder que barra, proíbe e invalida esse discurso e esse saber das massas.

A ideia sobre o papel do intelectual desenvolvida por Foucault ajuda a perceber os papéis e posições que os atores acadêmicos desempenham no campo da EPS, além de ajudar a entender o conceito e a metodologia de construção compartilhada do conhecimento, apresentada a seguir.

5 CONSTRUÇÃO COMPARTILHADA DO CONHECIMENTO

A construção compartilhada do conhecimento é um conceito e, ao mesmo tempo, uma metodologia, criado a partir da busca por um novo paradigma teórico-epistemológico para se

compreender e se efetivar a relação entre acadêmicos, intelectuais, técnicos e representantes do poder público com a população (MARTELETO; VALLA, 2003).

Carvalho, Acioli, Stotz (2001) entendem a construção compartilhada do conhecimento como uma metodologia desenvolvida no âmbito da EPS que se baseia na perspectiva da Educação Popular, no qual considera a experiência cotidiana dos atores envolvidos e tem por finalidade, a conquista, pelos indivíduos e grupos populares, de maior poder e intervenção nas relações sociais que influenciam a qualidade de suas vidas. Nessa metodologia, o conhecimento é construído a partir de um processo comunicacional, no qual atores com saberes diferentes, porém não hierarquizados, se relacionam em prol de um objetivo comum (CARVALHO; ACIOLI; STOTZ, 2001).

A metodologia de construção compartilhada do conhecimento está pautada em três dimensões: a política, a epistemológica e a educativa. A dimensão política está relacionada à luta pelo fortalecimento das políticas de saúde e, principalmente, da construção do SUS. A dimensão epistemológica destaca o valor do conhecimento produzido entre o senso comum e a ciência. Nesta perspectiva, a ciência também deve incorporar as dimensões políticas presentes no conhecimento produzido pelo senso comum. A dimensão educativa tem no construtivismo a referência teórica para o conceito de aprendizagem. “A aprendizagem, em uma perspectiva construtivista, pode ser definida como um processo pelo qual o indivíduo, inserido no contexto social, elabora uma representação pessoal do objeto a ser conhecido” (BRASIL, 2007, p. 7).

Segundo Marteleto e Ribeiro (2001) há o intercruzamento de três eixos de saber na construção compartilhada do conhecimento: a) o conhecimento produzido e controlado pelos órgãos oficiais a respeito das condições de vida da população; b) o conhecimento acadêmico ou perspectivas de análise teóricas e metodológicas voltadas à compreensão dos processos de produção de desigualdade e miséria; e c) o conhecimento dos sujeitos que vivem concretamente as condições de vida que geram os problemas e as situações que são objeto das ações dos agentes nos movimentos.

A EPS acredita que a questão da informação e do conhecimento sobre saúde tem sua expressão nas novas formas de articular os conhecimentos científicos e populares e de combinar o conhecimento teórico e prático (MARTELETO; VALLA, 2003).

6 METODOLOGIA E OBJETO EMPÍRICO

A EPS – entendida, nos termos desse estudo, como uma rede de movimentos sociais movida por ação coletiva – configura-se em quatro coletivos ou grupos principais: o Grupo de Trabalho de Educação Popular e Saúde da Abrasco (GT EPS); a Rede de Educação Popular e Saúde (Redepop); a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde (Aneps) e a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Extensão Popular (Anepop), além de outros desdobramentos nas esferas acadêmicas, científicas, gerenciais e dos movimentos sociais.

Foram selecionados neste estudo os membros do GT EPS da Abrasco como objeto empírico, por acreditar que esses possam ser reconhecidos como expoentes na construção do conhecimento em EPS e por estarem associados a uma sociedade científica e acadêmica, a Abrasco. Os nomes dos integrantes do GT/Abrasco foram localizados no sítio web da Associação², e como tal, considerados como os representantes legítimos do GT e do próprio núcleo de intelectuais acadêmicos da EPS.

Criado durante o Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, realizado na cidade de Salvador, em agosto de 2000, a partir da Oficina da Redepop, com participantes da Rede e outros profissionais de serviços e da área acadêmica envolvidos com EPS, o GT é formado por um coordenador, 14 membros e 4 participantes institucionais. Os atores analisados na pesquisa foram os 14 membros e o coordenador.

A Redepop foi usada como instrumento de análise da rede social formada pelos atores que compõem o campo da EPS, uma vez que nela atuam, de forma histórica e participativa, os atores acadêmicos, desde o momento de sua constituição.

Para cumprir o objetivo deste trabalho – estudar o fluxo informacional no campo da Educação Popular e Saúde (EPS), com foco nos papéis e posições dos atores acadêmicos – foi empregada a metodologia de análise de redes sociais (ARS). Essa metodologia permitiu observar o conjunto de relações que os atores estabelecem através das interações com os outros atores da rede.

Para coleta dos dados, foi desenvolvido um questionário na plataforma online do Google Docs e enviado para antiga lista eletrônica de discussão da Redepop³, com três partes distintas: a) dados gerais do respondente; b) inserção no campo da EPS e na Redepop; c) contatos. A lista foi criada em 2001 no Yahoo Grupos e reunia participantes de todo o país

² Informação retirada no sítio oficial da Abrasco no dia 12 de outubro de 2012. Disponível em: < http://www.abrasco.org.br/grupos/composicao.php?id_gt=12 >

³ Endereço web: <http://br.groups.yahoo.com/group/edpopsaude/>.

mantendo uma participação significativa dos seus associados, com média mensal de cerca de 300 mensagens.

O questionário foi respondido por 69 pessoas entre os meses de novembro e dezembro de 2011. Com o propósito de identificar a rede de contatos, a terceira parte do questionário solicitou aos respondentes que indicassem até cinco pessoas com as quais vinham mantendo parcerias e atuando com maior frequência, em função das atividades e objetivos no campo da EPS.

Para configurar a rede de expoentes, foi solicitado aos respondentes que indicassem os nomes de até 5 pessoas que consideravam mais relevantes no campo. Os dados levantados foram analisados com base nos parâmetros da ARS, que permite o estudo dos padrões de relacionamentos entre os atores, a fim de analisar a estrutura e o modo de funcionamento de uma rede. Para identificar os padrões utilizou-se o software Ucinet⁴, para o cálculo das medidas de centralidade; e o Netdraw, que acompanha o Ucinet, para a representação dos diagramas da rede.

Foram utilizadas duas matrizes de dados da pesquisa: a) a rede de contatos, cujo objetivo é identificar os elos entre os atores e a posição que ocupam na rede; b) a rede de expoentes, configurada pelos atores considerados como os mais destacados nas ações de EPS. A partir dessas duas matrizes, procurou-se observar as posições que os atores acadêmicos possuem na rede. As perguntas referentes à inserção no campo da EPS também foram utilizadas para caracterizar os atores.

7 RESULTADOS

Entre os 15 membros do GT de EPS da Abrasco, 6 membros responderam ao questionário enviado para a lista de discussão e 13 membros foram indicados como contatos e/ou como expoentes do campo da EPS.

Rede de contatos

A ARS contribui para compreender que o poder é relacional. Um ator só tem poder se pode ‘dominar’ os outros atores que mantém relação, sendo assim, o poder é uma consequência dos padrões de relacionamento, ou seja, a inserção de um ator em uma rede define o seu poder e sua influência em relação aos outros. A posição estrutural de um ator

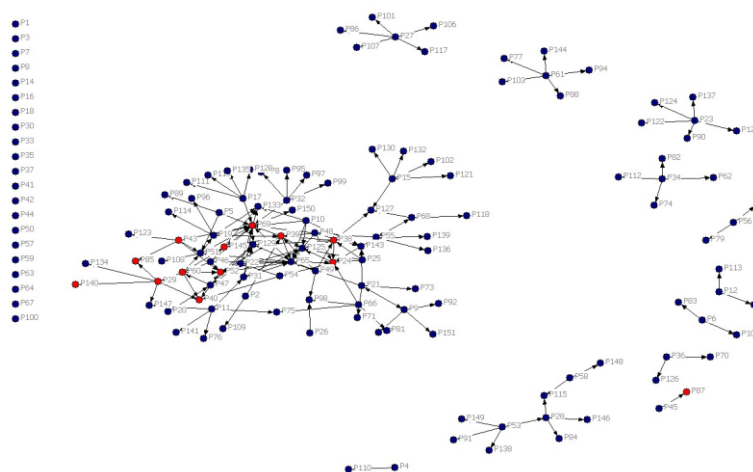
⁴ Endereço web: www.analytictech.com/ucinet/

pode criar oportunidades e maximizar suas relações e, se sua posição for desvantajosa, pode inibir suas ações e restringir suas relações.

A rede de contatos pesquisada tem 149 atores, entre os respondentes do questionário e seus indicados. Pela visualização da Figura 1 percebem-se diferentes agrupamentos de redes, de dimensões distintas.

Para a análise é necessário observar os seguintes casos: a) os atores que preencheram o questionário e indicaram seus contatos; b) atores que preencheram o questionário, porém não indicaram seus contatos; c) atores que não responderam o questionário, porém foram citados pelos respondentes.

Figura 1: Rede de Contatos do campo da EPS



Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

Os atores posicionados em fileira à esquerda da Figura 1, responderam o questionário, porém não indicaram seus contatos e não foram indicados.

Os nós em vermelho da Figura 1 são os membros do GT de EPS da Abrasco. Entre os 15 atores acadêmicos selecionados para este estudo, 13 foram indicados como principais contatos.

A configuração maior da rede, à esquerda da Figura 1, tem a presença dos atores mais influentes e atuantes, que são os mais bem posicionados na rede. 12 membros do GT estão nessa configuração. O ator P87, em vermelho no canto inferior à direita, não respondeu o questionário e foi citado por um respondente.

A configuração da rede demonstra que os atores acadêmicos exercem um papel central na configuração da rede, possuindo influência perante os outros atores que atuam no campo da EPS.

A seguir são apresentadas algumas medidas de centralidade utilizadas na ARS para identificar as posições que os atores acadêmicos possuem na rede em relação às trocas de informações.

Centralidade de Grau

Os atores que possuem maior quantidade de ligações com outros atores da rede têm uma posição mais vantajosa, pois podem ter formas alternativas para satisfazer suas necessidades e, portanto, são menos dependentes de outros atores (HANNEMAN; RIDDLE, 2005). Quanto maior o número de ligações, maior é a oportunidade de se comunicar e, assim, obter informações.

Quando um ator recebe muitas ligações, pode-se dizer que ele é proeminente e possui muito prestígio na rede, pois muitos atores buscam instituir vínculos com eles, isto pode indicar sua importância.

Entre os 10 atores com maior centralidade de grau citados, 6 são membros do GT de EPS da Abrasco, conforme mostrado na tabela 5. Os códigos em negritos são referentes aos membros do GT de EPS da Abrasco.

Tabela 1: Centralidade de Grau

Ator	Graus
P69	17
P65	12
P39	10
P52	10
P24	8
P38	7
P125	7
P51	7
P129	7
P29	7

Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

O ator com maior grau de centralidade é o P69, membro do GT de EPS da Abrasco. Médico, mestre em Saúde Pública e doutor em Educação, trabalha em uma secretaria municipal de saúde. Atua desde 1983 no campo da saúde pública. Participou da maioria das conferências de saúde em suas etapas municipais, estaduais e nacional. Trabalhou por muitos

anos em municípios do interior levando o cuidado articulado ao trabalho educativo, de mobilização e organização popular. Participou da estruturação da Estratégia Saúde da Família (ESF) desde as primeiras equipes. Ajudou a organizar cursos de educação popular e outras estratégias de formação. Participa ativamente da luta pela construção de algumas políticas. Atuou em comunidades indígenas, no campo e na cidade e ajudou a organizar experiências de gestão participativa. O ator diz ser um membro ativo da Redepop e que ajuda a organizar encontros, tendas e publicações, além de provocar e animar algumas discussões na lista eletrônica de discussão.

O ator P39 possui o terceiro maior grau de centralidade. Médico com mestrado e doutorado na área de Saúde Coletiva, é professor universitário. O ator se considera atuante na luta pela consolidação do SUS, pois é participante do movimento de reforma sanitária e defende os princípios do SUS na docência, na pesquisa e na militância social e política. O ator diz participar das discussões na Redepop, apresentando tópicos para reflexão, propostas de eventos e manifestações.

O quarto ator com maior centralidade de grau é o P52. Graduado em Enfermagem e Obstetrícia, com mestrado e doutorado na área de Educação, também é professor universitário. O ator diz debater em sala de aula, tanto na graduação quanto na pós-graduação, assuntos relacionados ao SUS. Na atuação como representante da Redepop no Conselho Nacional de Educação Popular em Saúde (CNEPS), ajudou a formular uma política nacional de Educação Popular e Saúde; participou das reuniões organizativas do Movimento Popular de Saúde (Mops) e participou de conferências municipais de saúde. Participou da lista eletrônica de discussão desde a criação e das atividades presenciais da Redepop, envolveu-se na organização do 3º Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde e foi coordenador da Redepop.

O P24, que possui o quinto maior grau de centralidade é médico, mestre em educação e doutor em infectologia e medicina tropical, também é professor universitário. Atua desde 1974 em iniciativas e movimentos que foram significativos para estruturação do SUS e foi coordenador da Redepop.

Pode-se dizer que os atores acadêmicos exercem um papel de poder na configuração da rede e possuem prestígio perante os outros atores.

Centralidade de Intermediação

A posição de um ator pode favorecer o acesso e o fluxo da informação, especialmente quando ele intermedeia a comunicação entre atores, ou seja, quando sua posição é favorecida pelo trajeto por onde a informação circula. O ator passa a ter o poder de distribuí-la. O cálculo dessa medida é feito com base nos caminhos geodésicos, ou seja, os mais curtos.

Entre os 10 atores com maior índice de intermediação, 5 são membros do GT de EPS da Abrasco, conforme pode ser observado na tabela 2. Quanto maior o grau de intermediação, maior o poder de controlar a informação que está na rede. Essa posição pode ainda permitir que os atores possam influenciar as pessoas para as quais ele intermedeia informações.

Tabela 2: Centralidade de Intermediação

Ator	Índice de Intermediação
P65	1.427
P22	855
P47	765
P69	673
P60	653
P51	581
P29	508
P39	391
P19	351
P52	319

Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

Entre os atores com maior índice de intermediação, somente o ator P60 não aparece entre os 10 atores com maior grau de centralidade. Os atores P69, P29, P39 e P52 também estão entre os 10 atores com maior grau de centralidade.

O ator P60 tem o quinto maior índice de intermediação. Médico e mestre em Educação, trabalha em um hospital da rede pública e para uma prefeitura. Iniciou seu trabalho em atenção primária ainda na faculdade, atuando no movimento estudantil e discutindo questões da reforma sanitária e psiquiátrica. Participou da 8ª Conferência Nacional de Saúde e desde então, luta pela implementação do SUS e em sua qualificação, pois trabalha também na formação profissional, com foco na atenção primária à saúde. O ator também se considera participante ativo na Redepop.

Rede de expoentes

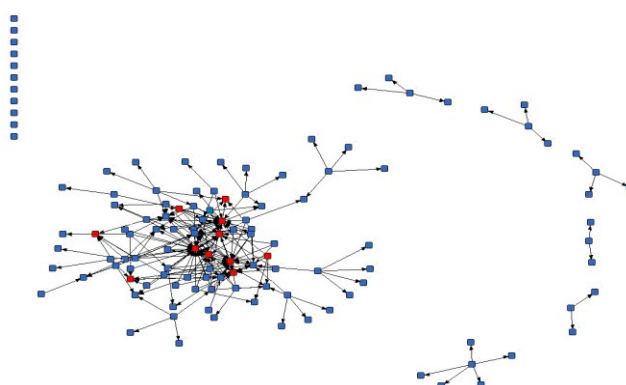
Para dimensionar a rede de expoentes foi solicitado que os respondentes citassem até cinco pessoas que considerassem atuantes e expressivas no campo da EPS. De forma diferente da rede de contatos, que considera os elos e compartilhamentos entre os atores, a rede de expoentes se refere aos atores citados como os mais destacados em sua atuação no campo.

Os resultados demonstram que 20 atores receberam de 3 a 28 citações. Desses, 10 receberam mais de sete indicações, um valor significativo em relação ao total dos indicados – mais de 70.

Entre algumas justificativas de alguns respondentes, destacam-se: a) são atuantes na área e fornecem informações importantes para a região nordeste do país; b) contribuem com a área com ações que auxiliam outras pessoas; c) seus comentários na lista de discussão são significativos; d) fornecem embasamento teórico para refletir sobre a Educação popular e saúde.

A Figura 2 representa a rede de expoentes, com total de 125 atores. Os atores nesse diagrama possuem ligações distintas da maioria das redes, em virtude de que as ligações são constituídas pela influência e/ou admiração que um exerce sobre o outro. Destaca-se em vermelho os membros do GT de EPS da Abrasco.

Figura 2: Redes de expoentes do campo da EPS



Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

Entre os 10 atores mais citados, 6 são do GT de EPS da Abrasco, sendo que três figuram nas primeiras posições. São eles: P24, P69, P52, P39, P29 e P40.

Tabela 3: Centralidade de Grau -
Rede de expoentes

Ator	Graus
P24	28
P69	20
P52	19
P65	13
P83	12
P39	11
P22	10
P29	9
P108	9
P40	9

Fonte: Pesquisa “Antropologia da Informação e Redes Sociais na Saúde”

Entre os atores mais citados como expoentes no campo da EPS, somente o ator P40 não aparece entre os 10 atores com maior centralidade de grau.

A partir da análise de rede de contatos e da rede de expoentes, pode-se observar que os atores acadêmicos exercem um papel de centralidade na rede, alguns possuem o poder de intermediar as informações que circulam na rede e são reconhecidos como expoentes do campo da EPS. Utilizando as categorias propostas por Marteleto (2001; 2012) para análise de redes sociais de ações coletivas, os atores acadêmicos no campo da EPS podem ser considerados “mentores” (MARTELETO, 2001; 2012), pois possuem a capacidade de articular teoria e prática na direção das necessidades e objetivos da população e seus movimentos organizativos, ocupando, assim, posições privilegiadas na rede e para eles confluem diversos tipos de informações.

O ator P69, ator com maior centralidade de grau, quarto maior índice de intermediação e segundo com maior número de citações como expoente no campo da EPS, mantém contato com atores de outros coletivos ou grupos do campo da EPS, como, por exemplo, a Aneps e o Mops. Pode-se, considerar, assim, que ele possui um papel de “articulador” (MARTELETO, 2001; 2012), pois mantém contatos com os subgrupos, facilitando a comunicação e o fluxo de informação na rede.

Pode-se, também, considerar o ator P24, o ator mais mencionado como expoente do campo da EPS, como “cosmopolita” (MARTELETO, 2001; 2012), pois este pode exercer o papel de representante do campo da EPS, por ser referência na rede e ter influência sobre seus membros. Ele pode agir como uma “terceira pessoa” externa a um subgrupo cada vez que uma negociação está bloqueada e necessita o auxílio de uma pessoa externa (MARTELETO, 2012).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou estabelecer alguns parâmetros para os estudos dos fluxos informacionais no campo da EPS, destacando o papel dos atores acadêmicos no campo. Primeiro relacionando os atores que atuam no campo da EPS com o movimento da reforma sanitária brasileira e o campo da saúde coletiva.

Segundo, buscou-se entender o campo da EPS como uma rede de movimentos sociais movida por ação coletiva, utilizando a concepção de intelectual universal trabalhada por Michel Foucault e a metodologia e conceito de construção compartilhada do conhecimento desenvolvida no âmbito dos estudos em EPS.

Terceiro, empregou-se a metodologia de análise de redes sociais (ARS) para identificar as posições e os papéis que os atores acadêmicos selecionados possuem na rede social. O uso da ARS possibilitou entender o campo da EPS não apenas como uma rede de informação entre os atores que compõem o campo da EPS, como também possibilitou a análise das relações entre elas. A análise levou em conta duas configurações: a rede de contatos e a rede de expoentes. As medidas calculadas mostram que os atores acadêmicos possuem um papel de destaque no plano epistemológico e político. Eles são reconhecidos como expoentes do campo da EPS, além de possuírem posições centrais na configuração da rede. Observou-se que eles atuam tanto no meio acadêmico quanto nos movimentos sociais, o que possibilita que os discursos e as informações produzidas no âmbito dos movimentos sociais sejam levadas para as sociedades científicas e para as universidades e vice-versa, auxiliando na construção compartilhada do conhecimento.

Por último, vale ressaltar que a amostra para ARS foi obtida através da lista eletrônica de discussão da Redepop, uma ferramenta de comunicação e informação com forte presença dos atores dos diversos coletivos ou grupos que compõem o campo da Educação Popular e Saúde. Entende-se, neste trabalho, que a Redepop não representa a totalidade e toda complexidade do campo da EPS. Porém, o número dos respondentes e as características deles, podem dar indícios da configuração do campo da Educação Popular e Saúde.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
- CAMPOS, G. W. S. Saúde Pública e Saúde Coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 219-230, 2000.
- CANESQUI, A. M. Ciências sociais e humanas: interdisciplinaridade no campo da saúde coletiva. In: HORTALE, V. A. et al. (Org.). **Pesquisa em Saúde Coletiva: fronteiras, objetivas e métodos**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. p. 57-84.
- CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007.
- CARVALHO, A. I. Da saúde pública às políticas saudáveis - saúde e cidadania na pós-modernidade. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 104-121, 1996.
- CARVALHO, M. A. P.; ACIOLI, S.; STOTZ, E. N. O processo de construção compartilhada do conhecimento: uma experiência de investigação científica do ponto de vista popular. In: VASCONCELOS, E. M. (Org). **A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da rede de educação popular e saúde**. São Paulo: Hucitec; 2001. p.101-14.
- DAVID, H. M. S. L.; ACIOLI, S. Mudanças na formação e no trabalho de enfermagem: uma perspectiva da educação popular e de saúde. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 63, n. 1, p. 127-131 fev. 2010.
- ESCOREL, S. Movimento sanitário: revirada na saúde. **Tema Projeto Radis**, Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 11, p. 5-7, 1988.
- FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder: conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 69-78.
- L'ABBATE, S. A análise institucional e a saúde coletiva. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 265-274, 2003.
- MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ci. Inf**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MARTELETO, R. M. Jovens, violência e saúde: construção de informações nos processos de mediação e apropriação de conhecimentos. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 17-24, set. 2009.
- MARTELETO, R. M. Redes Sociais, informação e apropriação de conhecimentos em saúde nos espaços locais: os papéis dos atores. In: EGLER, T. T. C.; TAVARES, H. M (Org). **Política pública, rede social e território**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.
- MARTELETO, R. M. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 3, p. 27-46, 2010.

MARTELETO, R. M.; RIBEIRO, L. B. Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 11, n.1, 2001.

MARTELETO, R. M.; VALLA, V. V. Informação e Educação Popular: o conhecimento social no campo da saúde. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 08, n. 1, p. 8-21, 2003.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. A Informação Construída nos meandros dos conceitos da Teoria Social de Pierre Bordieu. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 5, n.5, p. 1-9, 2004.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. Social field, domains of knowledge and informational practice. **Journal of Documentation**, Londres, v. 64, n. 3, p. 397-412, 2008.

PEDROSA, J. I. S. Educação Popular e Saúde e gestão participativa no Sistema Único de Saúde. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 11, n. 3, p. 303-313, jul./set. 2008.

RIBEIRO, K. S. Q. S. Ampliando a atenção à saúde pela valorização das redes sociais nas práticas de educação popular em saúde. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 11, n. 3, p. 235-248, 2008.

SCHEREN-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sócias. **Soc. Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, jan./abr. 2006.

SCHEREN-WARREN, I. Redes Sociais: Trajetória e fronteiras. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. **Redes, Sociedade e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

STOTZ, E. N.; DAVID, H. M. S. L.; WONG UN, J. A. Educação Popular e Saúde: trajetória e desafios de um movimento social. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 49-60, 2005.

VASCONCELOS, E. M. Educação popular: de uma prática alternativa a uma estratégia de gestão participativa em saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 01, p. 67-84, 2004.

VASCONCELOS, E. M. Educação Popular: instrumento de gestão participativa dos serviços de saúde. In: BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (Org.). **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007, v. 1, p. 18-29.

VASCONCELOS, E. M. O significado da educação popular e saúde na realidade e na utopia da atenção primária à saúde brasileira. In: MANO, M. A. M.; PRADO, E. V. (Org.). In: **Vivências de educação popular na atenção primária à saúde: a realidade e a utopia**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 13-19.